

MÔNICA PEREIRA DA ROSA

SOBRE O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO EM FREUD E SUAS
IMPLICAÇÕES NA ESCOLHA PROFISSIONAL: PRIMEIRAS
CONSIDERAÇÕES

Monografia de conclusão do Curso de Especialização
em Teoria Psicanalítica
Orientadora: Ines Loureiro

COGEAE . PUC/SP

2016

RESUMO

A partir de meu trabalho na área de Orientação Profissional, surgiu o interesse de estudar a noção de identificação. Assim, esta monografia buscou traçar um panorama sobre o conceito de identificação em Freud, destacando sua importância para a formação dos ideais. Por identificação entende-se o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto ou um atributo do outro e com isso se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. Com base nesta pesquisa teórica, pretendeu-se ensaiar uma aproximação dos conceitos com algumas situações clínicas.

Este estudo é composto por três capítulos. O primeiro é sobre o conceito de identificação em Freud, com breves apontamentos de outros comentadores. O segundo, sobre a escolha profissional e o processo de orientação do ponto de vista de alguns autores que reivindicam o ponto de vista psicanalítico (como Rodolfo Bohoslavsky). No último, apresentaremos nossas vinhetas clínicas, tentando dar início a uma conexão entre teoria e prática.

Observou-se que vários fatores interferem na escolha do jovem por uma profissão ou uma formação. Dentre eles, observamos os processos identificatórios relacionados à família, grupos e ideais sociais (e aos próprios ideais e fantasias). Notamos ainda um forte componente narcísico como, por exemplo, a dificuldade de abandonar o lugar de desejo dos pais, o corpo e o lugar de privilégios da infância.

Palavras-chave: identificação . ideais - escolha profissional . psicanálise . S. Freud.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os professores do curso de especialização em teoria psicanalítica que propiciaram um caminhar prazeroso e norteador pelas obras de Freud.

A minha orientadora Prof^a Ines Loureiro, pela disposição e por seu apoio claro e preciso nos momentos oportunos.

E aos colegas de curso, pelas trocas de ideias, informações e pelo apoio durante esta caminhada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I . Sobre o conceito de identificação	4
CAPÍTULO II . A escolha profissional e o processo de orientação do ponto de vista da psicanálise	15
CAPÍTULO III . Vinhetas clínicas	20
3.1 A história familiar e a escolha profissional	20
3.2 Os ideais em conflito na hora da escolha profissional	22
3.3 O conflito e a necessidade de atender aos ideais sociais	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

A escolha de uma profissão é um processo muito complexo na vida de qualquer pessoa. Esta escolha está permeada por aspectos sociais, ideológicos e psíquicos.

O mundo social apresenta uma enorme possibilidade de atividades profissionais, nas mais diversas áreas. A oferta de cursos universitários tem aumento muito nas últimas duas décadas, com isso, as áreas de atuação profissional foram ampliadas, tanto no nível técnico quanto no superior.

Segundo dados do MEC¹ a década de 1990 foi marcada por uma grande transformação no ensino superior no Brasil, com a política de incentivo à universalização do ensino superior. A principal consequência dessa transformação foi o crescimento no número de cursos superiores em instituições privadas e de alunos matriculados.

Vemos também o aumento na procura por cursos de formação de tecnólogos, cursos de nível superior que geralmente duram a metade do tempo de uma graduação convencional. De cada quatro estudantes que entram na faculdade no Estado de São Paulo, pelo menos um escolhe o curso em tecnologia, que tem de dois a três anos de duração.

De acordo com o Censo da educação superior de 2014 do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), em 2014, 32.878 cursos de graduação foram ofertados em 2.368 instituições de ensino superior no Brasil. Os cursos de bacharelado mantêm sua predominância na educação superior brasileira, apresentando o maior crescimento no número de matrículas entre 2013 e 2014 . 8,1% e os cursos tecnólogos de 3,4%, no mesmo período. De 2003 a 2014, as matrículas nos cursos tecnólogos aumentaram quase oito vezes e representam 13,2% do total de matrículas².

¹ www.portal.mec.gov.br. Acesso em 06/09/2016.

² www.inep.gov.br. Acesso em 31/10/2016.

A terceira edição do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia do MEC³ de 2016 traz 134 cursos em tecnologia. A primeira edição de 2006 elencava 98 cursos, e a segunda, de 2010, 113 cursos. Com isso observa-se um aumento gradativo no número de cursos em tecnologia oferecidos no Brasil nos últimos anos.

O interesse pela temática da escolha profissional surgiu da minha experiência clínica com adolescentes e seus conflitos diante da busca por uma profissão ou uma formação. Ouve-se como queixa destes jovens que a escolha é difícil em decorrência da grande oferta de cursos de formação e de uma vasta possibilidade de atividades profissionais. Coloca-se ainda como questão, se essa escolha deve acontecer por motivos de ganho financeiro, status social, satisfação pessoal ou realização do desejo dos pais. É frequente a fantasia de que existe uma opção capaz de atender a todos esses critérios.

Estes jovens deparam-se ainda com questões relativas aos aspectos psíquicos envolvidos na escolha de uma profissão. Dúvidas como *“quem eu sou e quem eu quero ser”* permeiam esse momento.

Como se vê, as dúvidas são muitas e se faz necessário entender quais são os ideais, os conflitos e temores que predominam na vida do jovem na hora da escolha por uma profissão.

Entendemos que o processo identificatório pelo qual o jovem passa ao longo do seu desenvolvimento, seja ele com os pais, familiares, amigos ou com o meio social, pode interferir diretamente nas suas escolhas, uma vez que a escolha de uma carreira põe em jogo as identificações e os ideais deste jovem.

O tema das identificações na escolha profissional foi introduzido por Rodolfo Bohoslavsky quando, em 1975, elabora seus estudos sobre orientação profissional numa perspectiva psicanalítica.

Ele se refere ao trabalho de orientação vocacional exclusivamente com adolescentes por acreditar que seja nesta fase que emergem as dificuldades de natureza vocacional, delineando esta fase entre 15 e 19 anos.

³ www.portal.mec.gov.br. Acesso em 31/10/2016.

Para tanto, ele define como ferramenta de trabalho de orientação vocacional a modalidade clínica em detrimento da modalidade estatística que seriam os testes psicométricos. Nesta modalidade clínica, ele preconiza a utilização da entrevista como o principal instrumento, pois nela se condensam os três momentos do acontecer clínico. O orientador deixa de assumir um papel diretivo porque considera que nenhuma adaptação à situação de aprendizagem ou de trabalho é boa, se não supõe uma decisão autônoma.

O presente estudo tem por objetivo fazer um percurso pelo conceito de identificação na obra de Freud e busca, na medida do possível, compreender em que medida os fatores identificatórios participam do processo de escolha da profissão.

Para isso, faremos um levantamento sobre o conceito de identificação presente nos textos freudianos, bem como de algumas contribuições trazidas por seus comentadores. Também usaremos alguns fragmentos de casos atendidos por mim em situação clínica. O uso dessas vinhetas clínicas pode ser útil para aproximar estes conceitos da realidade clínica dos jovens atendidos em orientação profissional. Sem qualquer pretensão de %ilustrar o conceito+ ou %decifrar teoricamente uma situação clínica+, tentamos simplesmente dar início a alguma conexão entre teoria e prática, quase nos moldes de uma associação livre. Entendemos que este é um procedimento importante na busca de compreensão deste processo de escolha profissional pelo qual passa o jovem. E esclarecer como se dá o processo de escolha profissional, as identificações e valores nele presentes, que acaba revelando algo sobre o funcionamento e os ideais que permeiam as escolhas em todas as áreas da vida.

O presente trabalho será composto de três capítulos: o primeiro que trata da teoria freudiana com relação ao conceito de identificação; o segundo sobre a escolha profissional do ponto de vista da psicanálise e o terceiro que trará alguns fragmentos de casos clínicos atendidos.

Serão utilizados, para abordar o tema da identificação, textos da Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, edição de 1996, bem como textos das Obras completas de Freud da Companhia das Letras.

CAPÍTULO I

Sobre o conceito de identificação

Iniciemos nosso percurso pelo conceito de identificação através dos recortes que constam nos dicionários e vocabulários de psicanálise para, em seguida, enveredar diretamente pelos textos de Freud.

Em seu *Vocabulário da psicanálise* (1992), Laplanche e Pontalis, conceituam identificação como

o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro (pag. 226).

Para estes autores, o conceito de identificação na obra de Freud assumiu progressivamente um valor central, considerando-a operação pela qual o sujeito humano se constitui.

O conceito de identificação está presente em diversos momentos da obra de Freud. Em *Totem e Tabu* (1913-1914) ele traz a noção da incorporação oral. Em *Luto e melancolia* (1915) Freud mostra o papel da identificação na melancolia, onde o sujeito se identifica no modo oral com o objeto perdido, por regressão a relação objeto característica da fase oral. Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), assistimos, entre outros aspectos, à relação entre escolha (narcísica ou anaclítica) do objeto amoroso e identificação. Sendo a escolha narcísica aquela onde o objeto é escolhido segundo o modelo da própria pessoa, e a identificação, o sujeito sendo constituído segundo o modelo de seus objetos anteriores: pais, pessoas do seu meio. Na dissolução do complexo de Édipo os investimentos nos pais são substituídos pela identificação.

Segundo os autores, o conceito de identificação é fortalecido a partir da segunda teoria do aparelho psíquico. *Em psicologia de grupo e análise do ego*

(1921) Freud distingue três modalidades de identificação: a) a identificação como forma originária do laço afetivo com o objeto, uma relação pré-edipiana marcada pela relação canibalesca; b) como substituto regressivo de uma escolha de objeto abandonada; c) o sujeito pode identificar-se com aquele em quem não há investimento sexual, uma vez que ambos têm em comum o desejo de ser amado (identificação histórica).

Roudinesco e Plon, no *Dicionário de psicanálise* (1998), apontam a identificação como

o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam (pág. 363).

Os autores fazem também um relato do conceito de identificação na obra freudiana, adicionando outros momentos e textos ao conjunto mencionado por Laplanche e Pontalis.

Em uma carta a Fliess de 17 de dezembro de 1896, Freud aponta que na análise da agorafobia nas mulheres, falando das prostitutas, trata-se do recalque da compulsão de ir apanhar alguém na rua. Ele fala aqui do sentimento de ciúme que a mulher sente das prostitutas e de identificação com elas. Aqui a identificação é concebida como desejo recalcado de agir como as prostitutas, de ser como elas.

No texto *A interpretação dos sonhos* (1900) com o sonho da ~~uma~~ açougueira+ que Freud descreve como um caso de identificação histórica que corresponde a deduções inconscientes, uma apropriação causada por uma etiologia idêntica, é um ~~o~~ como se+. Uma paciente relata a Freud que em seu sonho deseja oferecer um jantar, mas que dispõe apenas de um pedaço de salmão defumado e, como é domingo, o comércio encontra-se fechado e não poderá comprar ingredientes para o jantar e que o prato predileto de sua amiga é salmão, assim desiste do seu plano. Freud ao interpretar esse sonho, descobre que, a sonhadora, deseja que o desejo de engordar de sua amiga,

não se realize, por saber do interesse de seu marido (da sonhadora) por mulher de carnes fartas. Ou seja, seu sonho foi não realizar o desejo da amiga em comer salmão e engordar. Freud dá ao sonho também outro sentido, em virtude de uma inversão. A bela açougueira sonha com a não realização de um desejo seu. Ela explica a Freud que se identificou com sua amiga e que deseja acontecer com a amiga, o que acontece com ela, a não realização do desejo de comer salmão, uma vez que ela, a sonhadora, deseja comer seu prato predileto que é caviar e não o come.

Em 1924, no texto *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud estabelece a diferenciação entre o investimento do objeto e a identificação. A criança tem duas possibilidades de satisfação libidinal: colocar-se no lugar do pai para manter relações sexuais com a mãe, ou tomar o lugar da mãe; estas duas possibilidades não podem ocorrer sem o perigo da castração, de modo que os investimentos são substituídos por uma identificação. A figura do pai que (a autoridade paterna) é introjetada no eu, formando assim o núcleo do supereu.

Depois desse pequeno percurso introdutório pelo conceito de identificação, vamos agora buscar esse conceito diretamente na obra de Freud, rastreando os textos citados anteriormente.

A identificação é um dos conceitos que aparecem no início da reflexão de Freud e vão acompanhando suas diferentes construções, transformando-se e ganhando importância e novos significados ao longo de sua obra.

No livro *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud fala que:

A identificação é um fator altamente importante no mecanismo dos sintomas histéricos. Ela permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não apenas suas próprias experiências, como também as de um grande número de outras pessoas: permite-lhes, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar sozinhas todos os papéis de uma peça (pág. 183).

A identificação é empregada com mais frequência na histeria, segundo Freud, para expressar um elemento sexual comum. A mulher histérica pode se identificar mais rapidamente em seus sintomas com as pessoas com quem tenha tido relações sexuais.

Nas fantasias históricas é suficiente, para fins de identificação, que o sujeito tenha pensamentos sobre relações sexuais, sem que ele tenha realmente tido essa relação.

A identificação não constitui uma simples imitação, mas sim uma assimilação. Ela se dá numa situação de desejo. É uma identificação com alguém que está na mesma situação de desejo. No sonho da ~~%~~Bela açougueira+ anteriormente citado, a sonhadora identifica-se com a amiga que é desejada pelo seu marido, da mesma forma que ela quer sê-lo.

No texto *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905), Freud relata a identificação de Dora com o sintoma do pai, o sintoma histérico, que se constitui pela imitação do sintoma da pessoa amada, onde a identificação tomou o lugar da escolha de objeto e a escolha de objeto regrediu à identificação.

A tosse nervosa apresentada por Dora é uma identificação dela com o pai no sentido de que ela se apropria das qualidades do objeto amado, a pessoa com quem Dora mantém uma ligação sexual, ainda que imaginária.

Ainda em 1905, Freud descreve, em um trecho dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a fase oral canibalista como o protótipo de um processo que irá desempenhar um papel psicológico importante sob a forma de identificação. A identificação seria como uma primeira forma pela qual o ego escolhe um objeto, e o incorpora devorando-o.

A investigação sobre o tema das identificações aprofunda-se na obra de Freud a partir do texto *Introdução ao Narcisismo* (1914), quando ele traz as noções de Eu ideal e ideal de Eu. Ele esboça a relação entre escolha narcísica de objeto e identificação, sendo a escolha narcísica aquela onde o objeto é escolhido segundo o modelo da própria pessoa e a identificação, o sujeito

sendo constituído segundo o modelo de seus objetos anteriores (pais e pessoas do seu meio).

Por Eu ideal, Freud entende o amor do individuo por si mesmo, sendo aqui o Eu ideal tomado como o produto do narcisismo infantil.

Esse Eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda a preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez, foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância (pág. 40).

O ideal do Eu surge sob a tutela da consciência moral, quando do abandono do seu ideal de grandeza, o amor por ele mesmo que não pode mais se manter. Este abandono surge em razão da influência crítica dos pais em relação à criança e ao longo do tempo dos educadores, crítica essa que surge como uma repressão a partir de uma proibição ou um obstáculo externo.

No quarto ensaio do livro *Totem e Tabu* (1914), Freud retrata a condição de interdição da criança em relação à mãe. A criança deve aceitar a frustração de saber que a mãe é proibida e se confrontar com o mundo dos adultos tomando o pai como referência. Porém, para que haja identificação com o pai, a criança precisa mata-lo simbolicamente. É ao devorar o pai morto que o filho irá absorver seus atributos e se identificar com ele. Freud chamará isso de identificação primordial, identificação com o pai da pré-história, um pai digno de ser amado.

Segundo o mito da horda primeva, um grupo de irmãos vive sob o poder de um pai tirano que se apropriava de todas as mulheres do clã; os irmãos rebelam-se contra este pai, matam-no e devoram sua carne pondo um fim ao reinado da horda selvagem. Porém, Freud aponta que o pai, depois de morto, torna-se ainda mais forte do que era quando vivo, conseguindo de seus filhos uma obediência plena. Depois do assassinato, os filhos arrependidos revogam o seu ato e criam os dois tabus fundamentais do totemismo: a proibição do

incesto e a proibição do parricídio, tabus que se tornam universais representando as grandes proibições fundadoras da sociedade humana.

Expressam o sentimento de ambivalência afetiva em relação ao pai, culpabilidade e consciência moral. Ao mesmo tempo em que odiavam o pai pela proibição de seus desejos sexuais, o admiravam pelo poder que exercia.

Para Freud, o complexo de Édipo nada mais é do que a expressão dos dois desejos recalcados: o desejo de matar o pai e possuir a mãe. O complexo de Édipo é a condição do estabelecimento do totemismo.

Laplanche e Pontalis (1992) definem o complexo de Édipo como um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Em uma forma positiva, este complexo apresenta-se como desejo de morte do rival, que é o pai, e desejo sexual pela mãe. Em sua forma negativa apresenta amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ao progenitor do sexo oposto. O apogeu do complexo de Édipo se dá durante a fase fálica e seu declínio na entrada do período de latência. É revivido na puberdade e superado, com maior ou menor êxito, no momento da escolha de objeto. Ele desempenha um papel fundamental na estruturação da personalidade do indivíduo e é considerado o responsável por várias psicopatologias, de acordo com as modalidades de sua resolução (ou não-resolução). Atualmente, as discussões psicopatológicas têm levado em conta, cada vez mais, o período pré-edípico, pois distúrbios muito precoces sequer permitem a configuração do triângulo edípico.

Em *Luto e melancolia* (1917), Freud descreve a identificação como um processo no qual, depois de ter sido feita uma ligação da libido a uma pessoa em particular, caso haja um desapontamento com essa pessoa, haverá um abalo na escolha objetual. Há uma retirada da libido desse objeto e ela passará a se ligar ao próprio eu. Será estabelecida então, uma identificação do eu com o objeto abandonado.

O investimento objetual demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização

qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado (pág. 181).

O que acontece aqui é que, no lugar de abandonar o objeto, o sujeito se identifica com ele, sendo uma parte do Eu modificada, passando a existir o Eu e o Eu modificado. Assim, a perda do objeto se transforma numa perda do Eu e o conflito se dá entre o Eu e o Eu modificado pela identificação.

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) Freud fala da mudança que um indivíduo sofre quando da sua inclusão em um grupo passando então a adquirir características próprias desse grupo. Le Bon (apud Freud) afirma que qualquer indivíduo tendo sido colocado em um grupo, toma para si uma espécie de mente coletiva passando a agir, pensar e sentir de forma diferente daquela que faria caso estivesse sozinho e cita três fatores desta diferença:

- 1) Por meio da sua inserção neste grupo, o indivíduo adquire um sentimento de poder invencível que lhe permite realizar coisas que sozinho não realizaria.
- 2) Em grupo, o indivíduo é colocado em situações que lhe permitem por em prática seus impulsos instintuais inconscientes em decorrência do desaparecimento do senso de responsabilidade;
- 3) O grupo favorece o aparecimento, no indivíduo, de características que são muitas vezes contrárias às apresentadas pelo indivíduo isolado e isso se dá por meio de um fascínio que o grupo exerce sobre esse indivíduo, tal como a pessoa hipnotizada se sente nas mãos do hipnotizador. A personalidade consciente deste indivíduo perdeu-se, bem como sua vontade e seu discernimento.

Esta fascinação exercida pelo grupo sobre o indivíduo, ou a devoção deste ao líder, se dá pelo fato de que o líder ou o grupo é colocado no lugar do ideal do Eu. O ideal coletivo retira sua eficácia de uma convergência dos ideais

do Eu individuais; em consequência disso, os membros do grupo identificam-se uns com os outros.

Sobre o conceito de identificação, é importante citar que no capítulo VII deste livro Freud se refere à identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa. Esta referência é bastante importante, já que, até aqui, Freud enfatizava os processos identificatórios ocorridos na saída do Édipo.

Freud mostra aqui duas ligações psicologicamente diferentes: com a mãe, o menino empreende um investimento objetal do tipo ~~por~~ apoio+e com o pai, uma identificação que o toma por modelo. Assim, entende-se que o filho necessita da mãe para o atendimento de suas necessidades de cuidados e do pai para servir-lhe como modelo.

A identificação desempenha um papel importante na pré-história do complexo de Édipo. É por meio da análise do desejo do menino de se parecer com o pai, de ser como ele, que toma o pai como seu ideal, como um modelo. O menino vive aqui uma relação ambivalente com o pai, uma vez que, ao mesmo tempo em que deseja ser como ele e o admira, sente por este pai certa hostilidade por este se colocar entre ele (filho) e a mãe.

Pode-se falar da identificação num contexto mais complexo como na formação dos sintomas neuróticos. Tanto no caso de uma garota que desenvolva os mesmos sintomas de sofrimento que sua mãe (significando um desejo hostil de tomar o lugar da mãe), como no caso das garotas de um pensionato citadas por Freud. Tendo uma das meninas do pensionato recebido uma carta de amor à qual ela reage com um ataque histérico, causa em algumas de suas amigas, que souberam do ocorrido, o mesmo ataque histérico, como que por via de uma infecção psíquica. É o mecanismo da identificação de querer colocar-se na mesma situação da outra pessoa. Com o mesmo desejo de ter um amor secreto, as colegas padecem também do sofrimento que dele decorre.

É em *O ego e o id* (1923) que pela primeira vez Freud utiliza o termo super-eu, que é considerado sinônimo de ideal do ego. O termo ideal de Eu já

estava sendo utilizado desde 1914 em *Introdução ao narcisismo*, quando englobava as funções que agora serão atribuídas ao superego, como as de autocrítica e consciência moral.

Somente na Conferência XXXI no livro *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1933 [1932]) Freud irá fazer a diferenciação entre as instâncias e a noção de super-eu passa a englobar as funções de auto-observação, consciência moral e função ideal. A formação do super-eu se dá por identificação com os pais e ocorre no declínio do complexo de Édipo.

A base deste processo é o que se chama de identificação, isto é, o assemelhamento de um Eu a outro, em que o primeiro Eu se comporta como o outro em determinados aspectos, imita-o, de certo modo o assimila. A identificação já foi comparada, não sem razão, à incorporação oral, canibalesca, da outra pessoa. É uma forma muito importante de ligação com o outro alguém, provavelmente a mais primordial. (pág. 200).

Eis novamente a menção à identificação como sendo o vínculo mais primordial com o outro.

Ao final do complexo de Édipo o investimento objetal do menino para com a mãe deve ser abandonado e seu lugar pode ser tomado por uma identificação com a mãe ou uma intensificação na identificação com o pai. À medida que uma criança cresce, o papel de autoridade passa a ser exercido pelos professores ou outras pessoas que ocupem esse papel; suas proibições continuam poderosas no ideal do ego exercendo a censura moral. Quanto mais forte foi o complexo de Édipo, maior será o domínio do super-eu sobre o Eu como consciência moral.

Assim como Freud, outros autores se debruçaram sobre a temática dos processos identificatórios e da busca pelos ideais.

Segundo Mezan (2002), em seu texto "Identidade e cultura", o sujeito é constituído por um conjunto de identificações e essas identificações estruturam as diversas instâncias da personalidade.

Ele distingue dois tipos de identificação: as estruturadoras do ego, responsáveis pelo sentimento de identidade e pelos limites em que ele pode variar sem pôr em risco o aparelho psíquico, e as normativas, que organizam o superego e o ideal de ego. Para Mezan, os modelos identificatórios são incompatíveis entre si, de modo que a tarefa do ego será mediar os conflitos entre as exigências pulsionais do id, exigências morais do superego, exigências de desempenho do ideal do ego, exigências da adaptação ou modificação da realidade social vinculada pelo próprio ego.

Não somente os modelos identificatórios podem ser incompatíveis entre si, mas sua cristalização no sujeito organiza instâncias que vivem em conflito.

Eis porque a principal tarefa do ego será negociar e mediar estes conflitos, originados por exigências contraditórias impostas pelos demais inquilinos do espaço psíquico: exigências pulsionais do id, exigências morais do superego, exigências de desempenho do Ideal do ego, exigências de adaptação ou de modificação da realidade social vinculadas pelo próprio ego (pág. 288).

Ainda sobre o conceito de identificação, Nasio (1988), preocupado em compreender como o eu e o objeto entram numa relação de identificação, divide a identificação em duas categorias: a identificação total e as identificações parciais. A identificação total está relacionada com a maneira como se transmite, entre gerações, a força da vida, a libido imortal. Segundo ele, isto se dá através da devoração do pai mítico da horda primeva pelos seus filhos, até que cada um se torne pai; assim, o eu ocupa inteiramente o lugar paterno. As identificações parciais referem-se à identificação do eu com um aspecto parcial do objeto, que assinala a forma que uma representação pode adotar podendo ser ela um traço distintivo, uma imagem global, uma imagem local ou ainda uma emoção.

Bleichmar (1985) vem dar a sua contribuição no que se refere aos ideais. Para ele, o ideal se constitui a partir do momento em que o outro deixa de ser um admirador incondicional que oferece ao sujeito a vivência de perfeição para converter-se em alguém que exige do sujeito a adequação a determinadas normas. Essas normas, que agora requerem ser satisfeitas pelo sujeito para obter a admiração do outro, passam a constituir-se em seus ideais.

Uma vez que alguém é visto como um ego ideal, qualquer traço dele em que o sujeito fascinado se detenha será considerado como dotado de perfeição. O autor dá como exemplo um filho que tem no pai seu ego ideal. Tudo que venha deste pai, a maneira de se vestir, falar, gesticular, pensar, passa a ser a essência da perfeição, aquilo que o filho vai querer imitar.

Já o ideal do ego é algo originalmente externo a cada pessoa . é como que uma exigência, ou uma condição que ela terá que satisfazer. Refere-se a um aspecto parcial, uma unidade de medida com a qual ela irá se comparar e se avaliar.

Mesmo quando o ideal de ego tenha surgido com referência a um aspecto de uma pessoa, é incluído num tipo de funcionamento que acaba por torná-lo independente de qualquer indivíduo em particular.

O ideal é o discurso social tomado como realidade, como referência última. Nessa ordem de coisas, o ideal . vestígio da realidade do discurso social . permite julgar se determinado traço do sujeito é valioso ou não (pág. 67).

Depois desta abordagem panorâmica do conceito de identificação na obra freudiana e de alguns comentadores, entendemos ser importante fazer uma breve explanação sobre o processo de escolha profissional através da leitura de alguns trabalhos psicanalíticos de grande expressividade nesta área.

CAPITULO II

A escolha profissional e o processo de orientação do ponto de vista da psicanálise

Passamos a analisar os conceitos de identificação e ideais, mas agora inseridos no contexto da escolha profissional.

Quando um jovem se depara com a escolha de uma profissão, não estão em jogo apenas seus interesses e aptidões, mas também a maneira como ele vê o mundo, como ele vê a si próprio, as informações que possui sobre as profissões, as influências do meio externo, dos pares e principalmente da família.

Podemos citar vários fatores que operam num processo de escolha profissional. Dentre eles, os fatores sociais e econômicos que impõem limites como salários, empresas a serem escolhidas, interferência dos pais, familiares, professores e também os fatores culturais. Para nós, são de especial relevância os fatores psicológicos relativos às características pessoais dos indivíduos e os processos psíquicos que determinam suas escolhas profissionais.

Autora de um importante trabalho sobre orientação profissional segundo a perspectiva psicanalítica, Maria Stella de Sampaio Leite (2015) também examina o conceito de identificação. Segundo ela, na psicanálise a identificação tem sempre um sentido bem diverso do modo habitual de entender esse conceito. Para ela, trata-se de um mecanismo fundamental no desenvolvimento psíquico como um todo. Considera que o conceito de identificação explica muitos fenômenos presentes na forma como uma pessoa escolhe sua profissão.

Na vertente freudiana, identificação é o processo pelo qual uma pessoa assimila um traço ou uma característica de outra pessoa, um ente querido ou significativo. A identificação pode ser consciente ou inconsciente. No caso de ser inconsciente, ela aparece por meio de condensação e deslocamento, modo de

funcionar dos processos primários de formação psíquica (pág. 120).

Porém, o conceito de identificação utilizado pela autora numa perspectiva psicanalítica acaba enfatizando seu caráter de defesa, como uma saída neurótica. É o caso das identificações na produção dos sintomas da histeria. Nesse caso, as identificações atuam enquanto defesas, como forma de superar um conflito ou uma contradição e são inconscientes. Esse mecanismo explica alguns fenômenos presentes na forma como algumas pessoas escolhem sua profissão.

Ela aponta que num processo de orientação profissional, as identificações, às vezes, operam como mecanismo de defesa contra o luto da infância, dos pais perdidos, do corpo infantil, das certezas e continuidades da vida. Outras vezes, no entanto, as identificações ocorrem como parte do trabalho do luto, luto pelo corpo adolescente a ser perdido, o que determina a fantasia de eterna juventude, bem como no empenho psíquico de superar o complexo de Édipo.

Bohoslavsky (1977), precursor da orientação profissional em bases psicanalíticas que toma como referência Freud e a psicanálise inglesa, desenvolve uma teoria e uma metodologia de intervenção em uma perspectiva clínica. Ele busca compreender a questão da escolha profissional como resultado de uma articulação entre aspectos individuais e sociais. Considera a identidade ocupacional como algo não definido, mas sim como um processo submetido às mesmas leis e dificuldades daquele que conduz à conquista da identidade pessoal.

Bohoslavsky também ressalta que a escolha de uma maneira de ser através de uma ocupação demonstra uma não integração de identidades diversas. As dúvidas do jovem no que se refere a quem quer ser obedecem a identificações que ainda não se integram. O adolescente só irá alcançar sua identidade ocupacional quando estas identificações se integrarem.

Ele parte da ideia de que a vocação não é algo exclusivamente inato, nem adquirido e que toda pessoa tem capacidade de decisão, ou seja, possibilidade de escolher sua profissão. Para ele a identidade profissional desenvolve-se sobre a base das relações com o outro. Essas bases seriam oferecidas pelo ideal de ego, em termos de relações carregadas afetivamente. Também compõem esse processo de identificação as relações com pessoas que exerçam papéis ocupacionais.

As relações, gratificantes ou frustradoras, com pessoas que desempenham papéis sociais . parentes, amigos, outros . com as quais a criança se identifica, consciente ou inconscientemente tendem a pautar o tipo de relação com o mundo adulto, em termos de ocupações. As ocupações são consideradas sempre em relação às pessoas que as exercem (pág. 58).

As escolhas jamais são feitas dentro de uma neutralidade afetiva. Sempre há um desejo de ser como o outro, o outro que possui estas ou aquelas qualidades. Sempre irá existir a influência de adultos significativos na escolha ocupacional.

Quanto ao processo de orientação profissional, Bohoslavsky adota, como anteriormente foi dito, uma abordagem clínica de análise profunda do indivíduo em sua realidade interna e externa. Nesta abordagem o foco é a pessoa e a sua maneira de eleger prioridades. A orientação deve lhe oferecer um espaço de reflexão e escolha pessoal, diferentemente das modalidades psicométricas, nas quais a decisão compete ao técnico.

Por abordagem clínica, o autor entende uma estratégia de abordagem do objeto de estudo, que é o comportamento dos seres humanos. Estratégia implica o tipo de observação e atuação sobre o comportamento humano e pode ser usada para estudar qualquer tipo de comportamento, em qualquer âmbito de trabalho, seja psicossocial, institucional ou comunitário. Pode ter como objetivo a modificação de comportamento, compreensão ou prevenção. Talvez aqui possamos notar que, apesar de Bohoslavsky reivindicar para si uma

orientação psicanalítica, não seria exatamente em termos de %comportamento+ (e ainda menos em %modificação de comportamento+) que Freud ou outros psicanalistas pensariam.

Entende que todo adolescente é uma pessoa em crise, uma vez que está sempre desestruturando e reestruturando seu mundo interior e suas relações com o mundo exterior. Sendo assim, a tarefa do orientador profissional consiste em ser um moderador desta crise no sentido de mediar as relações do adolescente com o seu meio e consigo mesmo.

Outro conceito importante citado pelo autor é o conceito de reparação, originário da escola inglesa de psicanálise. Ele sugere compreender a escolha de uma carreira como uma resposta do ego a um chamado interior, chamado que pede, impõe, exige uma reparação a um suposto objeto prejudicado.

Sendo assim, a escolha profissional mostraria a escolha de um objeto interior a ser reparado. Segundo Laplanche e Pontalis (1992), reparação é um mecanismo descrito por Melanie Klein pelo qual o sujeito procura reparar os efeitos produzidos no seu objeto de amor pelas suas fantasias destruidoras. Este conceito tanto pode ser entendido como reparar alguma coisa, como em fazer reparação a alguém.

Bohoslavsky aponta vários tipos de reparação: a reparação compulsiva, quando existe uma culpa persecutória, suscitada pela destruição do objeto na fantasia. Neste caso o ego funciona de um modo hipermoral, rígido e autoritário chegando até a restringir a autonomia do sujeito. Outro tipo é a reparação melancólica, que possui matizes autodestrutivos, como se a única maneira de reparar o objeto fosse destruindo-se a si mesmo. Para ele, estes são alguns tipos de reparação que frequentemente aparecem em projetos profissionais de muitos adolescentes.

Professora e pesquisadora da escolha profissional, Rose Maria Paim (2007), afirma que muitos afetos estão em jogo no processo de escolha profissional, tanto do jovem quanto dos pais que se veem envolvidos na questão. Processos inconscientes sempre estão em jogo no momento da escolha. Os jovens fundamentam suas escolhas a partir de identificações que

estão implicadas na forma como vivenciam os processos de identificação primária, estágio do espelho e as identificações secundárias, ou seja, os afetos daí decorrentes. Eles fazem suas escolhas de forma a atender ao que imaginam ser o desejo do outro. Existe uma inserção familiar na escolha do sujeito, mas sempre haverá um discurso de negação dessa inserção (pág. 12).

Soares et al (2010) nos apontam a ideia de que a escolha da profissão muitas vezes se apresenta como um tempo de tensão, em que diversas representações inconscientes estão em conflito. Escolher uma profissão é revelador das identificações do jovem com seus pais. Nesta fase de hesitação, é difícil para ele reconhecer sua própria motivação e difícil também sentir-se desagradando alguém.

Trata-se de um momento onde existe o desejo de fazer uma escolha pautada em sua própria vontade, mas sem querer ignorar ou desapontar a vontade dos pais. Sendo assim, sempre existirá um conflito de desejos.

Há de se considerar que a escolha de profissão pelo jovem inclui em alguma medida essa dimensão depressiva da perda definitiva da infância, da separação dos pais, bem como o esforço da ambivalência em relação a eles (pág. 7).

Em um artigo de 2005, Teixeira e Hashimoto analisam que a escolha de uma profissão por parte do filho gera também uma crise familiar. Os pais precisam lidar com o luto da perda do filho criança, condição esta que muitos pais prefeririam manter. Eles podem tomar a independência do filho como um sinal do seu envelhecimento, ou ainda, como uma ameaça ao lugar e imagem que ocupam na dinâmica familiar.

Vemos então que além da crise que o jovem vive com relação aos conflitos entre o desejo de progressão/crescimento e o desejo de manter-se na condição infantil (desfrutando dos privilégios que isto lhe traz), enfrenta também a crise de seus pais.

Findo este breve percurso sobre a orientação profissional de viés psicanalítico, examinemos algumas vinhetas clínicas.

CAPÍTULO III

Vinhetas clínicas

Analisaremos agora a importância da escolha profissional no que diz respeito à afirmação da identidade do adolescente que, de um modo geral, resiste a associar a sua escolha às influências familiares e sociais. No entanto, é nítido que essa escolha está atrelada aos processos identificatórios, ainda que inconscientes.

Colocaremos nosso foco na apresentação de alguns casos reais de escolha profissional. Nosso objetivo, como já dissemos na Introdução, é tão somente começar a associar os conceitos estudados com situações clínicas (atendidas por mim). Cabe explicitar que os nomes são fictícios e dados foram modificados a fim de dificultar a identificação.

3.1 - A história familiar e a escolha profissional

Bruno chega buscando orientação profissional aos 18 anos com a queixa de não se interessar por nenhum curso de nível superior pelo fato de não gostar de estudar. Relata ter concluído o ensino médio com muita dificuldade. Diz ter sido um aluno muito popular na escola pelo seu mau desempenho escolar sendo velho conhecido dos professores e acha que até recebeu ajuda destes para passar de ano.

Os pais exigem que ele curse uma universidade, mas Bruno diz ser igual a mãe que nunca foi boa aluna, não gostava de estudar e nunca trabalhou. Queixa de não ser parecido com o pai que sempre trabalhou muito, é inteligente e muito organizado. Este discurso de parecer-se com a mãe é também repetidos pelos pais.

Bruno queixa-se da ignorância da mãe para assuntos da atualidade como política e economia e que ela se coloca numa posição de inferioridade ao pai. É uma mulher muito insegura e cheia de doenças. Fóbica, tem medo de elevador, avião e só participa de eventos sociais do marido. ~~M~~Minha mãe não tem vida própria+.

Para atender aos desejos dos pais Bruno resolve cursar uma universidade e escolhe o curso de publicidade, a contragosto dos pais que queriam que ele fizesse direito, mas logo desiste do curso. No ano seguinte entra para o curso de direito, mas não se adapta as exigências da vida universitária, estudos, trabalhos e provas, sendo assim, também abandona este curso.

O pai exige do filho uma postura diante dos compromissos da vida, emprego, casamento, família, mas parece que estes assuntos não o preocupam. Alega: %Não vou me sujeitar a trabalhar como estagiário para ganhar um salário baixo, uma vez que o que ganho de mesada ultrapassa esse valor+.

Percebe-se aqui Bruno muito identificado com a mãe uma vez que ele leva muito em consideração as coisas que ela diz e também por se queixar de ter alguns sintomas apresentados por ela (medo de avião, por exemplo). A mãe não gosta de estudar ele também não. A mãe não se interessa por adquirir novos conhecimentos, ele também não. A mãe não fez universidade ele também não vai fazer. Assim como a mãe, Bruno desiste de estudar, abandona os dois cursos anteriormente iniciados e continua a trabalhar com o pai por imposição do mesmo.

Esta situação nos remete a mesma ideia citada por Leite (2015) quando, referindo-se a obra freudiana, fala que a identificação é o processo pelo qual uma pessoa assimila um traço ou uma característica de outra pessoa, um ente querido ou significativo.

Percebemos que justamente pelo fato de Bruno admirar o pai como um excelente profissional, inteligente e organizado, ele rivaliza com o pai e se coloca ao lado da mãe. Não tem o direito de ser como o pai. De qualquer forma, fica clara sua identificação com as figuras parentais, seja no sentido de se parecer com a mãe ou no desejo de atender a demanda do pai.

Seria possível pensar que, ao não fazer a escolha por uma profissão ele está recusando uma identificação com o pai. Está tentando se diferenciar deste

pai; ao mesmo tempo, estando muito investido libidinalmente pelos pais, continua identificado com a criança que ele foi.

Ao se recusar a estudar e fazer um estágio alegando que ganharia um salário muito baixo poderíamos cogitar que os valores que permeiam suas escolhas são exclusivamente financeiros. Parece não existir aqui nenhum interesse de realização pessoal ou de ocupar um lugar no social.

3.2 - Os ideais em conflito na hora escolha profissional

Marcos, outro jovem que vem em busca de orientação, traz a dúvida de que curso escolher. Queixa-se de não se interessar pelo estudo universitário e não sabe que profissão seguir. O desejo dos pais é que ele fizesse um curso profissionalizante no SENAI⁴, para que desenvolvesse a profissão na indústria automobilística como o pai, mas ele não aceitou. Cedendo a pressão dos pais para continuar os estudos após concluir o ensino médio, opta pelo curso de jogos digitais, pois, segundo ele, é o único que permitirá que ele jogue vídeo game o dia todo, atividade esta que é sua diversão predileta. Por falta de conhecimento sobre as disciplinas ministradas no curso e a prática profissional na área pretendida, Marcos entende que a prática profissional será uma grande diversão como de fato é o prazer que encontra ao jogar vídeo game. Ao longo do curso suas notas são baixas e ele repete o primeiro ano do curso. Os pais estão desesperados com a falta de interesse do filho e temem pelo seu futuro profissional. Dentro de seu fracasso nos estudos está a dificuldade em lidar com as matérias obrigatórias do curso que não interessam a Marcos, que as consideram matérias difíceis. Marcos se queixa do fato de os pais serem muito castradores, não permitindo que ele faça coisas que rapazes da sua idade fazem, como por exemplo, ir a festas, dirigir um carro e namorar. Marcos tem 19 anos e não pode tirar carteira de habilitação. Isso só será permitido quando ele trabalhar para comprar o próprio carro. A mãe proibiu um namoro que ele vinha tendo por considerar que a jovem queria força-lo a se casar e ele

⁴ SENAI – Serviço nacional da aprendizagem industrial.

precisava concluir primeiro a formação e iniciar uma profissão para depois namorar. Sua vida social também é bem pobre uma vez que ele só pode sair com os pais e para lugares que eles frequentam.

O que fica claro neste caso é que os ideais do jovem com relação ao curso não foram atendidos e ele, entendendo que o curso seria somente diversão, não dá conta das obrigações impostas pelos estudos. Mas também observamos aqui uma forte tendência dos ideais dos pais com relação ao futuro do filho. Penso o quanto de rebeldia contra o desejo dos pais está na raiz de sua história.

Podemos identificar aqui uma grande dificuldade de Marcos em lidar com o luto da infância, luto pelos hábitos infantis que deveriam ser deixados para trás para que possa fazer uma entrada ~~caudável~~ na vida adulta, baseada em escolhas amadurecidas de uma profissão, relacionamento amoroso e uma vida social.

Jogar vídeo game é para ele uma maneira de se manter criança e não ter que se haver com as questões da vida adulta; isto, de certa forma, vem atender o desejo da mãe de que seu filho não cresça.

Parece-me que aqui a identificação está operando como mecanismo de defesa contra o luto da infância, do corpo infantil e da dificuldade em superar o complexo de Édipo.

Observa-se também uma crise na dinâmica familiar quando o jovem apresenta um conflito de desejos por não querer desapontar a mãe, a qual espera que ele não cresça (trata-o como uma criança que deve acatar suas ordens, não deve namorar nem ter habilitação de motorista, etc.). Ao infantilizá-lo, talvez essa mãe esteja investindo o filho narcisicamente, não o vendo como um sujeito independente e diferente dela própria.

3.3 - O conflito e a necessidade de atender aos ideais sociais

Aline, com 17 anos, está cursando o último ano do ensino médio. Ela decide que irá prestar vestibular para o curso de direito em uma universidade particular, a mesma que suas amigas irão estudar. Os pais apoiam sua escolha pelo direito, mas não concordam com a instituição que ela escolheu para estudar, que além de difícil acesso, a universidade escolhida não apresenta uma boa nota na avaliação do MEC para os cursos de direito. Os pais indicam para a filha duas outras instituições, uma particular com o conceito alto e outra pública considerada a melhor escola de direito da cidade. Mas Aline está irredutível e os pais alegam que sua escolha pela instituição só se deu porque as amigas, filhas de famílias abastadas, vão para a mesma universidade, universidade esta muito requisitada pelos estudantes de classe alta de São Paulo.

Os pais consideram que ela está fazendo a escolha baseada na opinião que a sociedade tem e sobre o status da instituição, e que isso não levaria a uma valorização do currículo da filha após sua formação.

Percebe-se que esta escolha se dá com base nos ideais que a sociedade estabelece sobre uma determinada instituição, contagiando a escolha destas jovens.

Este caso nos leva a pensar nos conflitos identificatórios que se dão entre pais e filha. Os pais estariam idealizando uma formação de qualidade para a filha, enquanto ela estaria mais preocupada em atender aos ideais sociais (ou seja, em fazer parte de uma camada da sociedade). Refiro-me aqui ao poder que o grupo (de amigas) sobre esta jovem, uma vez que o afeto que envolve essa o grupo afeta todos os seus membros. Neste sentido Freud diz:

O fato é que a percepção dos sinais de um estado emocional é automaticamente talhada para despertar a mesma emoção na pessoa que os percebe. Quanto maior for o número de pessoas em que a mesma emoção possa ser simultaneamente observada, mais intensamente cresce essa compulsão automática. O indivíduo perde o seu

poder de crítica e deixa-se deslizar para a mesma emoção (pág. 95).

Compartilho da mesma opinião que os pais no que se refere ao fato da jovem estar fazendo uma escolha baseada no que o grupo dela decide; em nossas sessões de orientação fica claro que ela é dependente da opinião do grupo nas suas tomadas de decisão. Dependente na hora de decidir o que vestir, a marca da maquiagem que deve usar e os locais que frequenta. Ela está muito preocupada em fazer parte de sua ~~tribo~~. Tendo sido o grupo colocado no lugar do ideal do Eu, ela se identifica com os membros deste grupo, em nome dos ideais coletivos.

Poderia se pensar que os ideais dos pais não são atendidos e que existe, neste caso, um desencontro onde as imagens de uma instituição de ensino são diferentes para pais e filha. Eles se dizem preocupados com a qualidade da formação da filha, enquanto ela se mostra inclinada a seguir as regras e ideais de seu grupo.

Ela está identificada exclusivamente com as escolhas das amigas e não com os mesmos ideais de seus pais. A escolha pelo Direito sugere pensar que ela tenha algum tipo de interesse pelo cumprimento de normas e leis; porém, neste momento dirige sua escolha pelos ideais sociais compartilhados pelo seu grupo. O ideal grupal torna-se a unidade de medida à qual ela tentará se ajustar, conforme apontado por Bleichmar.

Considerações finais

O problema da escolha profissional envolve uma série de questionamentos; processos identificatórios do jovem que escolhe, ideais familiares e sociais, demandas do mercado de trabalho, oferta de novos cursos, bem como conflitos de ordem individual e social.

Este problema nos remete a uma questão de identidade pessoal e a colocação do sujeito diante das várias situações que a vida lhe impõe. Questões com as quais ele nem sempre está preparado para lidar.

Assim como Freud afirma em seu livro *Psicologia das massas e análise do eu* de 1921, observa-se que muitos jovens fazem sua escolha pautada na identificação com o condutor das massas, aquele que é colocado na posição de ideal do eu, aquele que todos querem seguir. Entre outros fatores, essa escolha se dá não porque o jovem se diferencia da massa para escolher sua profissão, mas porque quer fazer parte desta, quer ser igual aos demais membros do grupo.

Percebe-se também o quanto as preocupações do jovem com relação a atender as demandas dos pais e do social interferem em suas escolhas, uma vez que não sendo atendidas essas demandas o sujeito tem que se haver com o sentimento de culpa que esta tensão causa.

Muitos dos ideais dos jovens com relação à escolha do curso ou da universidade também surgem por parte dos pais que idealizam uma boa formação aos filhos em decorrência do status que a profissão pode dar, dos salários oferecidos, da criação de uma carreira de sucesso, entre outros.

Mas percebemos também a dificuldade que os jovens enfrentam quando solicitados a fazer uma escolha e estes ainda não veem necessidade de fazê-lo. Entendemos que fazer uma escolha remete a uma identidade, identidade que se estabelece na saída da infância e entrada na vida adulta, que é exatamente o momento onde ele precisa definir-se por questões ideológicas, religiosas, identidade sexual e identidade ocupacional. %Identidade+ não é exatamente uma noção empregada por Freud, mas creio que o termo pode ser aproximado do que Bohoslavsky mencionou como uma integração entre as

várias identificações. Ou de um mínimo conflito entre as identificações estruturantes e as normativas (Mezan).

Observamos uma grande dificuldade de amadurecimento para alguns jovens deixando para mais tarde a decisão por uma formação e a escolha de uma profissão. Em algumas famílias o filho não precisa trabalhar para custear seus estudos e nem contribuir com as despesas da casa. Em muitos casos os pais acabam por alimentar esse comportamento, retardando a saída dos filhos de casa e sua autonomia, de modo geral. Em outros casos, esse amadurecimento é prejudicado por conta dos conflitos vivenciados pelo jovem em relação aos desejos de seus pais. Desejo de que ele não cresça e deixe de ocupar o lugar de satisfazer o desejo destes pais.

Neste sentido a orientação profissional clínica vem oferecer um espaço de questionamento e reflexão sobre essas questões que permeiam o momento da escolha por uma formação e a definição por uma profissão. Precisamos desmistificar que a escolha feita nesse momento da vida tenha que ser uma escolha permanente. Mais do que nunca, existe hoje a necessidade de um reajuste, uma recontextualização e atualização profissional constante. O mercado exige um profissional criativo e em contínuo aprimoramento.

O jovem se verá sempre confrontado com as questões identificatórias e os ideais envolvidos no processo de escolha. Caberá a ele buscar formas de compreensão deste processo, sempre por meio de reflexão, investigação e com o apoio do processo de orientação profissional quando necessário.

Em relação ao trabalho aqui realizado, tentei fazer uma aproximação do conceito de identificação na obra freudiana com a realidade clínica e acabei me deparando com a observação de um forte narcisismo nos jovens. Talvez um caminho para futuras pesquisas seria o de explorar mais a fundo estes componentes narcísicos, quem sabe associados à descrição das %novas patologias+. Uma sociedade que sobrevaloriza a riqueza, a perfeição do corpo e o alto nível de desempenho em todos os setores da vida tende a dificultar as escolhas dos jovens e sua entrada no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo*. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

BOCK, Ana Mercês Bahia (org.) *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Vocacional: teoria, técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

FREUD, Sigmund (1905) Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1912 - 1913) Totem e Tabu, contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos. *Obras completas*, vol. 11. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. (1914) Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos - *Obras completas*, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

_____. (1917[1915]) Luto e melancolia. In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos - *Obras completas*, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

_____. (1921) Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos - *Obras completas*, vol. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

_____. (1923) O ego e o id, ~~A~~Autobiografia+ e outros textos . *Obras completas*, vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

_____ (1927) O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1933 [1932]) Novas conferências introdutórias à Psicanálise. - *Obras completas*, vol. 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

LAPLANCHE, Jean. & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEITE, Maria Stella de Sampaio. *Orientação profissional*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

MEZAN, Renato. *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise*. 3ª. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

PAIM, Rose Maria de Oliveira. A escolha profissional sob um olhar psicanalítico. *Revista Recearte*, nº 07, secção VI, 07/2007. Disponível em: <http://www.iacat.com/Revista/recreate/Indice07.htm#seccion6>. Acesso em nov. 2016.

ROUDINESCO, Elisabeth & Plon, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOARES, Dulce Helena Penna; Aguiar, Fernando; Guimarães, Beatriz da Fontoura. O conceito de identificação no processo de escolha profissional. *Revista Aletheia*, nº 32. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413. Acesso em out. 2016.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta & HASHIMOTO, Francisco. Família e escolha profissional: a questão espacial, temporal e o significado dos nomes. *Revista Pulsional*, ano XVIII, nº 182, junho/2005. Disponível em http://editoraescuta.com.br/pulsional/182_06.pdf. Acesso em out. 2016

